

**O uso das formas “você, ocê e cê” na fala de adolescentes de Santa Luzia –
MG**

**Use of forms “você, ocê e cê” in the speech of teenagers from Santa Luzia –
MG**

Maurício Rubens de Carvalho Guilherme*
mauricio.rubens@gmail.com
UFMG/FACISABH

Ivanete Farias dos Reis**
ivanete.farias@yahoo.com.br
FACISABH

Camila Avelino Francisco***
camilaavelino29@gmail.com
FACISABH

RESUMO: Percebe-se nos dias atuais que a forma pronominal *você* está sendo substituída em alguns contextos pelas variantes *ocê* e *cê*. Assim, objetivou-se com este trabalho verificar como esse processo está acontecendo. Para isso, analisamos a fala de adolescentes de 15 anos, alunos de duas escolas, uma da rede pública e a outra da rede particular. Os métodos de análise utilizados foram quantitativo e qualitativo, uma vez que buscamos quantificar a porcentagem de utilização de cada forma (*você, ocê e cê*) e analisar se elementos extralinguísticos como classe social e sexo estariam interferindo nessa variação. Em suma, busca-se com este artigo apresentar os resultados da pesquisa que analisou o uso das variações do pronome *você* na língua e que fatores de natureza social e estrutural favoreceram o uso de cada uma dessas variantes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Pronomes. Classe Social. Sexo.

ABSTRACT: It is possible to realize nowadays that the pronominal form *você* is being replaced, in some contexts, by the variants *ocê* and *cê*. Thus, the objective of this work was to investigate how this process occurs. In order to do so, we analyzed the speech of 15-year-old adolescents from two schools: one was public and the other, private. The methods of analysis used were quantitative and qualitative, because we sought to quantify the percentage of the use of each form (*você, ocê, e cê*) and to analyze if extralinguistic elements, such as social class and genre, could interfere in this variation. In short, this paper aims to present the results of the research that examined the use of variations of the pronoun *você* in the language and to verify which factors of social and structural nature favor the use of each variant.

KEYWORDS: Variation. Pronouns. Social Class. Genre.

* Mestre em Linguística teórica e descritiva pela UFMG. Graduado em Letras pela UFMG. Professor de Linguística em Facisa-BH

** Graduada em Letras pela Facisa-BH

*** Graduada em Letras pela Facisa-BH

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar uma análise sobre o uso das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* no português falado. Os pronomes *você* e *vocês*, considerados pelas gramáticas tradicionais como pronomes de tratamento, gradativamente substituíram os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular e do plural, *tu* e *vós*, em vários dialetos do português brasileiro. Atualmente, pode-se perceber em alguns contextos uma variação desses pronomes de tratamento com formas reduzidas como *ocê/ocês* e *cê/cês*. Assim, a presente pesquisa apresenta uma abordagem variacionista introduzida por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e apresentada por Mollica e Braga (2003).

Segundo Peres (2006), os pronomes de tratamento tiveram sua evolução ao longo do tempo. Em Portugal, a forma *vossa mercê* servia para diferenciar e hierarquizar nobres e reis, mas a partir dos séculos XIV e XV essa forma passou a ser mais popular. No Brasil, como aconteceu em Portugal, a forma de tratamento *vossa mercê* caiu também no gosto popular, vindo posteriormente a ser substituída pelo pronome de tratamento *você*.

Com a queda do *vossa mercê*, a forma *você* passou a ser utilizada por todas as camadas da sociedade, sendo atualmente a forma padrão, considerando-se suas formas variantes *ocê* e *cê*. Além da percepção da existência dessas variantes no português falado, observamos também que os contextos estruturais em que elas ocorrem não são os mesmos, como será mostrado ao longo deste artigo. Isso significa que a escolha por uma das formas pode ser motivada por fatores linguísticos e sociais.

Em relação à implementação da mudança, Vitral (1996) afirma que a forma *cê* não é usada em determinados ambientes como em complementos verbais ou em termos preposicionados, ou seja, somente ocorre como sujeito pré-verbal, como se pode ver nos exemplos abaixo.

- (1) *Você* encontrou a Maria?
Ócê encontrou a Maria?
Cê encontrou a Maria?

- (2) A Maria viu você?
A Maria viu ocê?
*A Maria viu cê?

- (3) Este livro é 'pra' você.
Este livro é 'procê'.
*Este livro é 'pra'cê.

Nos exemplos apresentados acima, podemos perceber que as formas *você/ocê/cê* podem ocorrer sem restrição na posição de sujeito da sentença. Entretanto, o mesmo não ocorre na posição de complemento verbal e em sintagmas preposicionados, visto que a forma *cê*, nessas posições, torna as sentenças agramaticais, como podemos ver nos exemplos (2) e (3). Esse é um fenômeno que precisa ser mais bem estudado, uma vez que é possível que a forma *cê* tenha um *status* diferente das formas *você* e *ocê*, considerando ambientes estruturais.

1 Teoria da variação e mudança

Para a Sociolinguística, a variação e a mudança são processos pelos quais passam todas as línguas naturais. Para sua análise, é necessário que haja uma observação dos padrões de comportamento linguístico da comunidade, levando em conta o contexto social, a cultura e também os aspectos linguísticos.

O fato de haver mais de uma forma para expressar o mesmo significado é o objeto de estudo dos sociolinguistas, os quais consideram a variabilidade uma característica natural da fala humana. Segundo eles, não existe nenhuma comunidade de fala em que não haja variação linguística.

Toda mudança linguística começa quando um subgrupo de uma comunidade inicia uma direção diferente em relação ao uso da língua, ou seja, toda mudança é fruto de uma variação linguística. Entretanto, segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), isso não significa que toda variação acarretará uma mudança, pois, conforme os autores, nem toda variação na estrutura implica mudança. Além disso, sabe-se que, quando acontece uma mudança dentro de uma língua, os fatores sociais e linguísticos estão correlacionados.

Na abordagem sociolinguística, procura-se primeiramente identificar a estrutura linguística variável, associando-a a fatores da estrutura social, a fim de se poder observar como uma determinada variante estaria se propagando em uma comunidade nos seus diversos segmentos sociais. Depois dessa primeira etapa, o investigador busca delimitar o fenômeno, levando em conta as possibilidades de produção das estruturas em variação na fala. Posteriormente, ele estabelece hipóteses sobre as variáveis linguísticas ou sociais que estariam influenciando na escolha de uma ou de outra forma.

Obtidas essas informações, os pesquisadores chegariam a um esclarecimento se, na língua ou dialeto em questão, estaria ocorrendo uma variação ou uma mudança de modo a definir se tais variáveis estariam condicionadas a manter-se ou a cair em desuso.

De acordo com Peres (2006), o uso de uma determinada variante não é por acaso, uma vez que está relacionado com fatores linguísticos (ambiente fonológico, função sintática das variantes sua posição na frase etc) e extralinguísticos (estilo de fala, contexto, sexo, idade e classe social). Assim, as variações linguísticas estariam divididas em variação regional e variação social, sendo a língua falada no seu contexto informal aquela que interessa para os estudos variacionistas.

Para a autora, uma mudança ocorre de maneira lenta e gradual. Primeiro, a variante é exposta somente para falantes de um grupo; depois, através do contato dos falantes com outros grupos sociais, o uso da variante se torna mais frequente e passa a ser adotada por mais indivíduos, apressando a mudança para seu estágio final para depois retomar o mesmo processo. Peres (2006) afirma ainda que, para compreendermos a mudança, é preciso verificar não somente o comportamento linguístico da variante, mas também seu comportamento dentro da estrutura social dos falantes, uma vez que, como resultado da variação linguística, a heterogeneidade reflete-se em toda estrutura social, fazendo surgir vários dialetos.

1.1 O fator classe social na variação linguística

Considerando os três fatores extralinguísticos analisados nesta pesquisa, i.e., idade, gênero e classe social, este pode ser considerado o mais complexo, devido ao fato de não haver uniformidade de critérios para se estabelecer a qual classe o indivíduo pertence. Muitos linguistas divergem quanto a esses critérios, assim

alguns tomam, como base, o local da moradia, a renda, o tipo de educação, entre outros fatores.

As diferenças sociais trazem para o campo da sociolinguística informações importantes acerca da variação linguística. Diversos estudos demonstram que as variantes consideradas padrão estão relacionadas às pessoas mais escolarizadas e pertencentes às classes mais altas da sociedade, enquanto as variantes consideradas não padrão marcam as classes menos favorecidas que conseqüentemente são alvo de discriminação. De acordo com estudos feitos por Guy¹ (1988, p. 50 *apud* PERES, 2006, p. 67), há uma relação direta entre língua e classe social, uma vez que há entre os falantes da classe mais baixa uma adoção temporária da forma padrão em situações formais e uma adoção mais constante pelos falantes da classe mais alta. Tal fato é também observado por Labov (1982, p. 77-78), como se pode ver abaixo.

Assim, um cenário em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso das formas de prestígio que os falantes da classe média (e estes por sua vez, uma maior frequência do que os da classe baixa) apontaria para uma situação de variável estável; enquanto que os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ ou seções mais elevadas da classe operária (LABOV, 1982, p.77- 78).

Mollica e Braga (2003), entretanto, afirmam que todas as manifestações linguísticas são previsíveis e legítimas, que os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação positiva ou negativa e que essa avaliação determina a escala social do falante. A sistematização tem sido um ponto muito debatido pelos linguistas, pois as estruturas de maior prestígio social recebem avaliação positiva, diminuindo as formas populares. A análise desta relação é referida como preconceito linguístico, pois ainda predominam as práticas pedagógicas do certo e do errado tomando como referência o padrão culto.

Toda língua, portanto, apresenta variáveis mais prestigiadas do que outras. Ainda conforme Mollica e Braga (2003), os estudos sociolinguísticos vêm contribuindo para diminuir preconceitos linguísticos. Apesar disso, considerando o ponto de vista que caracteriza a norma culta e a norma padrão, é importante frisar

¹ GUY, Gregory. Language and social class. In: NEWMAYER, Frederik (Ed.). Linguistics: the Cambridge survey. V. 4: Language: the socio-cultural context. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 37-63.

que, quando a escola associa o padrão de língua a ser utilizado com a norma culta, ela desqualifica como expressão a forma popular.

O fator escolaridade também interfere nesse processo de legitimação das formas linguísticas, pois quando determinado grupo mais escolarizado começa a usar o que antes era considerado uma forma de menor prestígio, significa que tal forma está deixando de ser marcada e passando a ser natural dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas.

1.2 Fator sexo na variação linguística

Outra questão que parece relevante, considerando a variação linguística, é o fator gênero/sexo. As diferenças de fala entre homens e mulheres se situam principalmente no plano lexical. Parece mesmo comum termos distinção de certas palavras que estão mais presentes no vocabulário masculino enquanto outras parecem ser mais utilizadas por mulheres.

Apesar disso, segundo Paiva (2003, p.33), nos dias atuais, essa separação de um vocabulário específico feminino ou masculino parece estar prestes a desaparecer, embora ainda estejamos acostumados a ouvir certas expressões do tipo “não fica bem uma garota falar desta forma”. Isso mostra que a diferença de gênero pode favorecer usos de formas diferentes. Assim, a análise da variação e da mudança linguística não pode descartar certos fatores como gênero/sexo do falante, uma vez que a expressão linguística é construída levando em consideração também os papéis sociais feminino e masculino.

Podemos encontrar as primeiras referências com relação à variação linguística do fator gênero/sexo em Fischer (1958), em um estudo intitulado *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Em uma análise da variação na pronúncia do sufixo inglês (-ing) formador do gerúndio (*walking, talking*), Fischer (1958) verifica que as pronúncias velar e dental do sufixo correspondem a uma valorização social em que a primeira é considerada a forma prestigiada e a última a forma não prestigiada, constatando que a forma de prestígio tende a predominar nas falas femininas.

Outros estudos sobre o processo de variação do português também nos mostram uma maior padronização na fala feminina, apresentando certo *status* social das formas linguísticas utilizadas pelas mulheres. Por outro lado, os estudos

de Omena e Braga (1996, p.14) mostram que, na variação entre o pronome pessoal *nós* e a expressão nominal *a gente*, a variante mais conservadora, *nós*, é mais utilizada pelos homens, e as mulheres tendem a usar mais a variante *a gente*.

As transformações na organização social podem estar relacionadas ao efeito da variável gênero/sexo, uma vez que, predominantemente, nas faixas mais jovens da população, têm-se observado uma diminuição nas diferenças entre a fala de homens e mulheres. Essa mudança de comportamento linguístico dos falantes mais jovens pode ser resultado de uma quebra de barreiras na atuação do homem e da mulher na sociedade, mostrando a diluição das fronteiras que separam papéis femininos e masculinos.

Sundgren (2001), em seus estudos, constatou que a distribuição dos papéis masculinos e femininos é diferente nas sociedades modernas; por outro lado, Gordon (1997) afirma que as causas das diferenças de gênero na fala relacionam-se com aspectos sociais. Chambers (1995), por sua vez, considera as diferenças linguísticas mais como um fato biológico que social, atribuindo essa distinção de fala à compleição do cérebro feminino por apresentar funções cerebrais bem mais organizadas que as masculinas.

1.3 Fator idade na variação linguística

Estudos na área da variação linguística, como o de Peres (2006), comprovam que as línguas variam de acordo com a faixa etária dos falantes e que os indivíduos se constituem de acordo com a comunidade em que são inseridos. Conforme sua idade, os falantes apresentam características de fala diferentes das demais faixas etárias e possuem habilidades distintas para por em prática as normas linguísticas da sociedade (LABOV, 2001, p. 101 *apud* PERES, 2006, P.52)².

Ao longo da vida, as pessoas vão alterando seu modo de falar conforme passam de uma faixa etária para outra, procurando se adequar aos falantes desse novo grupo. Isso acontece devido às pressões sociais em qualquer camada social. De acordo com Naro (2003), o indivíduo passa por vários estágios até chegar ao

² LABOV, William. Principles of linguistic change: social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.

que os linguistas chamam de cristalização da língua na faixa de 15 anos de idade mais ou menos.

A ideia de cristalização da língua nos indivíduos é conhecida como hipótese clássica. De acordo com esta hipótese, Naro (2003, p. 44) afirma que “a gramática do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas porque o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação (a chamada faculdade da linguagem) fica bloqueado”.

Por isso, decidimos analisar neste trabalho a ocorrência das formas *você*, *ocê* e *cê* entre alunos do 1º ano do Ensino Médio, uma vez que nessa série escolar eles estão na faixa de 15 anos.

2 Percurso Metodológico

2.1 A cidade de Santa Luzia

A história do município originou-se com chegada de aventureiros em busca de riquezas. Tudo começou em 1692, durante o ciclo do ouro. Uma expedição dos remanescentes da bandeira de Borba Gato implantou o primeiro núcleo da Vila, às margens do rio das Velhas, no garimpo de ouro de aluvião. Com a enchente do rio, o pequeno vilarejo mudou-se para o alto da colina, onde, hoje, é o Centro Histórico da cidade. Em 1697, ergueu-se o definitivo povoado. Mais de 150 anos depois, em 1856, o povoado foi emancipado e desmembrado de Sabará e, a partir de 1924, passou a se chamar Santa Luzia.

Segundo o censo demográfico, a cidade tem aproximadamente 216.254 habitantes e uma área territorial de 235,327km². A densidade demográfica é de 862,32 habitantes por km². A tabela abaixo apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano do município, uma medida importante concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população.

Tabela 1 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM	
IDHM 2010	0,715
IDHM 2000	0,608
IDHM 1991	0,442

Fonte: Atlas Brasil (2013) - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

O IDH Municipal varia de 0 a 1, considerando indicadores de longevidade (saúde), renda e educação. Quanto mais próximo de 0, pior é o desenvolvimento humano do município. Quanto mais próximo de 1, mais alto é o desenvolvimento do município, como se pode ver abaixo.

- De 0,000 até 0,499 - Muito baixo
- De 0,500 até 0,599 - Baixo
- De 0,600 até 0,699 - Médio
- De 0,700 até 0,799 - Alto
- De 0,800 até 1,000 - Muito alto

2.2 O contexto e o perfil das escolas analisadas

2.2.1 A escola particular

Situado no centro da cidade de Santa Luzia, a escola particular escolhida é uma instituição da rede particular de ensino que atende alunos de classe média alta desde a pré-escola até Ensino Médio. Está matriculado na escola um total de 275 alunos, distribuídos no turno da manhã, horário em que funciona o Ensino Médio, e tarde, com os alunos da pré-escola e Ensino Fundamental. O colégio possui 16 salas de aula, 1 quadra poliesportiva, 1 campo society, 1 cantina, 2 salas de secretaria e área de lazer. A escola disponibiliza ainda para os alunos uma sala de computadores e uma biblioteca para trabalhos escolares, que podem ser usados inclusive no contraturno. Conta ainda com um total de 36 funcionários, sendo 8 para serviços gerais, 2 secretárias, 1 pedagoga e 25 professores.

2.2.2 A escola pública

A escola pública escolhida está localizada no bairro Palmital, periferia da cidade de Santa Luzia, e atende 872 alunos, sendo 259 no Ensino Fundamental e 613 Ensino Médio. Desses 872 alunos 574 alunos estudam no turno da manhã. A escola possui 22 salas de aula, 1 biblioteca, 2 quadras de esportes e 1 cantina.

2.3 A coleta de dados

Para nossa análise, foram feitas entrevistas com quatro alunos da rede particular e quatro alunos da rede pública, sendo em cada escola dois alunos do

sexo feminino e dois do sexo masculino. Todos os estudantes entrevistados eram alunos do 1º ano do Ensino Médio e tinham quinze anos de idade.

A seleção dos alunos foi feita com o auxílio do professor, o qual nos indicou alunos que eram colegas, para que a interação entre eles fosse mais espontânea, com o objetivo de verificar o uso informal dos pronomes de tratamento.

A coleta de dados foi feita por meio de gravação de áudio de conversas espontâneas entre os informantes com intervenção do entrevistador, que fazia perguntas específicas, a fim de verificar a ocorrência das formas *cê*, *ocê* e *você* na fala desses informantes.

3. Análise dos dados

As tabelas abaixo são resultado das entrevistas feitas com os alunos das duas escolas pesquisadas na cidade de Santa Luzia. Como se verá, estão sendo analisados três fatores linguísticos: função sintática, tipo de oração (principal ou subordinada) e tipo de referência (determinada ou indeterminada). Além dos fatores linguísticos, estão sendo analisados também os aspectos extralinguísticos: classe social e sexo dos informantes.

3.1 A função sintática

As tabelas (2) e (3) abaixo apresentam as porcentagens de cada uma das três formas analisadas, segundo a função sintática que exercem, obtidas na escola pública e particular respectivamente.

Tabela 2: Percentuais de ocorrências das formas *você*, *ocê* e *cê* por função sintática da Escola Pública.

	SUJEITO	COMPLEMENTO VERBAL	COMPLEMENTO DE PREPOSIÇÃO	TOTAL
CÊ	88%	10%	64%	79%
OCÊ	1%	90%	7%	9%
VOCÊ	11%	0%	29%	12%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela (2) apresenta os dados obtidos na escola pública e revela que *cê* é a forma predominante na posição de sujeito, 88% dos casos. Já na posição de

complemento verbal, essa forma aparece em apenas 10% dos dados, enquanto a forma *ocê* foi utilizada em 90% das ocorrências e a forma padronizada *ocê* não foi utilizada. Na função de complemento de preposição, a forma *cê* também é a mais utilizada, porém com uma porcentagem menor do que na posição de sujeito – 64%, contra 29% da forma *ocê* e 7% da forma *ocê*.

Tabela 3: Percentuais de ocorrências das formas *ocê*, *ocê* e *cê* por função sintática da Escola Particular.

	SUJEITO	COMPLEMENTO VERBAL	COMPLEMENTO DE PREPOSIÇÃO	TOTAL
CÊ	83%	33%	29%	72%
OCÊ	0%	0%	0%	0%
VOCÊ	17%	67%	71%	28%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (3), em que estão os dados da escola particular, ainda predomina a forma *cê* na posição de sujeito, 83% dos casos. Na posição de complemento verbal, a forma predominante foi a padrão *ocê*, 67% das ocorrências e na função de complemento de preposição, a forma *ocê* apareceu em 71% dos casos.

A análise das tabelas (2) e (3) apresenta algumas informações interessantes. Primeiramente, o uso da forma *cê* como sujeito é muito parecido nas duas escolas. Na escola pública, 88%; na escola particular 83%, ou seja, uma diferença de apenas 5% entre as escolas.

Já na função de complemento verbal, a forma *cê* não foi a mais utilizada em nenhuma das escolas. Na escola particular podemos ver que nesta posição a forma preferida é a padrão, *ocê*, em 67% dos casos, enquanto na escola pública a forma *ocê* é a mais usada, com 90% dos casos.

Na função de Complemento de preposição houve uma inversão. Enquanto na escola pública foi utilizada a forma padrão em apenas 29% das ocorrências, contra 64% de *cê* e 7% de *ocê*, na escola particular, o uso da forma padrão foi de 71%, contra apenas 29% da forma *cê*.

3.2 Tipo de oração

As tabelas (4) e (5) abaixo apresentam apenas as ocorrências na posição de sujeito, fazendo uma distinção entre sujeitos das orações principais e sujeitos das orações subordinadas.

Tabela 4: Percentuais de ocorrências das formas *ocê*, *ocê* e *cê* por tipo de oração da Escola Pública.

	SUJEITO ORAÇÃO PRINCIPAL	SUJEITO ORAÇÃO SUBORDINADA
CÊ	89%	82%
OCÊ	0%	9%
VOCÊ	11%	9%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (4), da escola pública, a forma *cê* como sujeito de oração principal ocupa 89% dos casos e 82% como sujeito de oração subordinada. A forma *ocê* não ocorre como sujeito principal, mas como sujeito da oração subordinada ocupa 9%. A forma padrão aparece em 11% dos sujeitos de oração principal e em 9% como sujeito de oração subordinada.

Tabela 5: Percentuais de ocorrências das formas *ocê*, *ocê* e *cê* por tipo de oração da Escola Particular.

	SUJEITO ORAÇÃO PRINCIPAL	SUJEITO ORAÇÃO SUBORDINADA
CÊ	83%	83%
OCÊ	0%	0%
VOCÊ	17%	17%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (5), da escola particular, a forma *cê* ocorre em 83% dos casos de sujeito tanto de oração principal quanto de oração subordinada, enquanto a forma padrão apareceu em 17% das ocorrências de sujeito tanto de oração principal quanto de oração subordinada.

Pode-se perceber que nas tabelas (4) e (5) praticamente não há diferença na posição de sujeito entre a oração principal e a oração subordinada, nas duas escolas.

3.3 Tipo de referência

Consideram-se como *referência determinada* os pronomes que apontam para o interlocutor, no momento de interação, como no exemplo (4) abaixo, e como *referência indeterminada* os pronomes que não apontam para ninguém especificamente, correspondendo a um tipo de sujeito indeterminado, como se pode ver no exemplo (5).

(4) Regina, **você** irá ao cinema amanhã?

(5) Às vezes, **você** tá morrendo de fome, aí **cê** chega em casa e não tem nada para comer.

Tabela 6: Percentuais de ocorrências das formas *você*, *ocê* e *cê* por tipo de referência da Escola Pública

	REFERÊNCIA DETERMINADA	REFERÊNCIA INDETERMINADA
CÊ	82%	67%
OCÊ	9%	10%
VOCÊ	9%	23%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (6), a forma *cê* continua predominante com 82% de casos com referência determinada e 67% com referência indeterminada. A forma *ocê* aparece com 9% de casos com referência determinada e 10% com referência indeterminada e a forma padrão aparece em 9% com referência determinada e 23% com referência indeterminada.

Tabela 7: Percentuais de ocorrências das formas *você*, *ocê* e *cê* por tipo de referência da Escola Particular

	REFERÊNCIA DETERMINADA	REFERÊNCIA INDETERMINADA
CÊ	80%	52%
OCÊ	0%	0%
VOCÊ	20%	48%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (7), que representa os dados da escola particular, a forma *cê* aparece como referência determinada em 80% dos casos e indeterminada em 52% . Não houve ocorrências da forma *ocê* nesta tabela. A forma padrão ocorre em 20% com referência determinada e 48% com referência indeterminada.

3.4 Classe social

A tabela abaixo apresenta os dados totais das duas escolas. O objetivo dessa tabela é verificar se há uma diferença significativa entre o uso das formas *ocê*, *ocê* e *cê* na fala dos adolescentes da escola particular e da escola pública, que representam, pretensamente, membros de duas classes sociais diferentes.

Tabela 8: Percentuais de ocorrências das formas *ocê*, *ocê* e *cê* da escola pública e da escola particular.

	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PARTICULAR
CÊ	79%	72%
OCÊ	9%	0%
VOCE	12%	28%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (8) acima, pode-se perceber que, sem levar em consideração diferenças entre aspectos linguísticos, como função sintática, tipo de oração ou tipo de referência, há entre os falantes das duas escolas um comportamento parecido quanto ao uso da forma pronominal *cê*. Esta forma é usada em 79% dos casos na escola pública e em 72% na escola particular, ou seja, uma diferença pequena. A maior discrepância está entre as formas *ocê* e *ocê*.

Primeiramente, na escola particular não houve nenhuma ocorrência da forma *ocê*, enquanto na escola pública essa forma apareceu em 9% dos casos. A não ocorrência dessa forma na escola particular talvez se deva ao fato de ser uma forma muito estigmatizada socialmente, o que possivelmente leve pessoas de classes mais altas a evitarem essas formas, pois, segundo Labov (1982, p. 77-78), “os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ ou seções mais elevadas da classe operária”.

Em segundo lugar, a forma padrão *ocê* foi usada em 28% das ocorrências da escola particular e em apenas 12% da escola pública. Essa diferença de 16% é uma diferença importante dentro dos estudos linguísticos e talvez se deva ao fato de os falantes das classes mais altas exibirem uma maior frequência de uso das formas de prestígio, como afirma Labov (1982, p. 77-78).

3.5 Sexo

Com a análise do fator sexo, procuramos identificar se o comportamento entre homens e mulheres apresenta diferenças significativas com relação ao uso das formas em questão.

Tabela 9: Percentuais de ocorrências das formas *você*, *ocê* e *cê* por sexo da Escola Pública.

	MULHER	HOMEM
CÊ	83%	72%
OCÊ	5%	15%
VOCE	12%	13%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (9), pode-se perceber que a forma *cê* é usada em 83% das ocorrências na fala das mulheres e 72% na fala dos homens da escola pública. A forma *ocê* ocupa o lugar de 5% na fala das mulheres e 15% na fala dos homens. Já a forma padrão ocorre em 12% na fala das mulheres e 13% na fala dos homens.

Tabela 10: Percentuais de ocorrências das formas *você*, *ocê* e *cê* por sexo da Escola Particular.

	MULHER	HOMEM	TOTAL
CÊ	51%	90%	70%
OCÊ	0%	0%	0%
VOCE	49%	10%	30%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela (10), da escola particular, verificou-se que a forma *cê* ocorre em 51% na fala das mulheres e em 90% na fala dos homens. Já a forma padrão ocupou 49% do uso na fala das mulheres e 10% na fala dos homens.

Obtivemos um resultado interessante no fator sexo. Observa-se na tabela (9) que, na escola pública, a utilização da forma *cê* é maior entre as mulheres (83%) do que entre os homens (72%). Já na escola particular, tabela (10), os homens é que utilizam mais a forma *cê* (90%), enquanto as mulheres só utilizam em 51% dos casos.

Se compararmos as duas tabelas, da escola pública e da escola particular, perceberemos que enquanto as mulheres da escola particular apresentam 49% (praticamente a metade) da forma padrão, as mulheres da escola pública apresentam apenas 12% da forma padrão, contra 88% de formas não padrão. O que

parece demonstrar que as mulheres da classe mais alta tendem a ser mais conservadoras com relação ao comportamento linguístico, influenciando muito na comparação entre as duas classes sociais.

Considerações finais

O estudo em questão foi desenvolvido visando a demonstrar a utilização das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* na cidade de Santa Luzia. Posteriormente, o intuito desta pesquisa foi ampliado com dados mais avançados. Nossa hipótese inicial foi parcialmente confirmada, pois realmente há uma pequena diferença entre o uso das formas pronominais nas duas escolas; porém, verificamos que essa diferença não é significativa, mas outros aspectos da língua foram observados e registrados.

A metodologia utilizada no estudo nos possibilitou atingir os objetivos do trabalho, e o resultado obtido através dos dados coletados nos proporcionou analisar de forma mais profunda os fatores linguísticos e extralinguísticos que envolvem a variação das formas estudadas. A variação linguística é um fenômeno natural da língua e muitas vezes só é perceptível a partir de análises empíricas. Acreditamos que o presente estudo não se esgota aqui e esperamos que trabalhos futuros possam ser desenvolvidos acerca do tema em questão.

REFERÊNCIAS

ATLAS BRASIL. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

FICHER, John L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, v.14, n.1, p. 47-56, 1958.

GORDON, E. *Sex, speech, and stereotypes: why women use prestige speech forms more than men*. n.26. Cambridge: Language in society, 1997, p.47-63.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. A Gente está se gramaticalizando? In: *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PERES, E. P. *O uso do você, ocê e cê em Belo Horizonte: Um estudo em tempo Aparente e em Tempo Real*. 2006. 247 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

SUNDGREN, E. Men and women in language change: a Swedish case study. *NORA*, v.9, n. 2, p. 113-122, 2001.

VITRAL, L. A forma cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, FALÉ, ano 5, n.4, v.1, p.115-124, jan./jun. 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]